



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ENTRE TRADIÇÃO E TRANSGRESSÃO: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM *LAVOURA ARCAICA* DE RADUAN NASSAR E A *POLAQUINHA* DE DALTON TREVISAN

Natássia Thais do Nascimento Ribeiro; Taina Camila de Andrade Freitas Almeida; Márcio dos Santos Gomes (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba, natassiathais@gmail.com

Universidade estadual da Paraíba, camilafreitas.bio@hotmail.com

Universidade estadual da Paraíba, marciogomes@uepb.edu.br

Resumo. Nosso trabalho teve por principal objetivo perceber como duas tendências discrepantes podem estar representadas na literatura de uma mesma época, o que, de certa maneira, se coaduna com os postulados apresentados pelos defensores da pós-modernidade. Para tanto, utilizamos como metodologia o estudo comparado entre as obras *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar e *A Polaquinha* de Dalton Trevisan, ambas da Literatura brasileira contemporânea, a fim de perceber aspectos que remetem a um viés conservador, na primeira, e transgressor, na segunda. Nossa observação, de forma mais específica, se deu a partir do modo como é representada a figura da mulher nessas duas obras, o que nos possibilitou confirmar que, em *Lavoura Arcaica*, a mulher não transpõe os muros das tradições de uma sociedade patriarcal, sendo representada como típica dona do lar, ou como filha casta e submissa. Em contrapartida, em *A polaquinha*, a figura feminina é apresentada como uma menina que vai se descobrindo mulher e se permitindo sentir desejo. Percebemos ao final da análise que a Literatura brasileira contemporânea é marcada pela multiplicidade e pelo paradoxo, uma vez que espelha a manutenção de tabus já enraizados pela sociedade, principalmente no que concerne à figura da mulher, ao mesmo tempo em que influencia a quebra destes.

Palavras-chave. Tradição, Transgressão, Mulher, *Lavoura Arcaica*, *A Polaquinha*.

Introdução

A literatura de uma forma geral sempre procurou abordar questões presentes na sociedade em épocas diferentes. Neste contexto, cada época é retratada pela literatura como uma espécie de registro histórico, no sentido de que à leitura é conferido o poder de servir como resgate de culturas, através das tendências literárias presentes em cada época.

Em contrapartida, há sempre a possibilidade de coexistirem posturas dissonantes em uma mesma tendência literária, uma vez que, enquanto uns autores partem de um viés mais revolucionário, no sentido de transgredir regras, outros optam por manter um padrão mais



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

conservador. Esta postura pode ser ainda observada na Literatura Brasileira Contemporânea, uma vez que, apesar desta valer-se, na maioria das vezes, de um sentimento de mudança, de revolução permissiva dos desejos outrora reprimidos, também toma, por vezes, um viés mais conservador, remetendo a tendências literárias de épocas passadas.

A partir disso, o presente artigo objetiva fazer uma incursão acerca do modo como a literatura brasileira contemporânea espelha a manutenção de tabus já enraizados pela sociedade, principalmente no que diz respeito à figura da mulher, ao mesmo tempo em que influencia a quebra destes. Neste contexto, pretendemos fazer uma análise comparada entre *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar e *A Polaquinha* de Dalton Trevisan, a fim de notarmos o possível contraste, presente nestas obras, que faz com que coexistam dois olhares distintos acerca da figura feminina em uma mesma época literária.

Sociedade patriarcal: a figura da mulher submissa

De acordo com Vernizi (2006) o patriarcado sempre teve êxito diante de seu objetivo maior, que consiste em moldar os costumes e valores sociais, especialmente no que concerne ao desejo amoroso, ao prazer erótico. Essa repreensão, segundo a autora, sempre se deu de forma muito mais intensa no que diz respeito à figura da mulher.

Consoante a mesma autora, é como se a sexualidade e o desejo na mulher não existissem de fato, no sentido de que nunca fora permitido se externar completamente. Essa postura repressora vigora desde os tempos bíblicos e parece encontrar-se perpetuada também na literatura, porém, não só na literatura dos tempos remotos do Arcadismo, ou do Romantismo, uma vez que a figura da família patriarcal, representada nos moldes convencionais de uma sociedade totalmente refém das tradições, pode ser (re)visitada através de textos bem mais recentes, como é o caso da obra *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar, uma das selecionadas para a realização desta análise e que faz parte da Literatura Brasileira Contemporânea.

O enredo de *Lavoura Arcaica* se constitui numa trama de costumes de uma família, na qual é mostrada a fuga de André, um adolescente que sempre fora criado na fazenda sob um rígido modelo



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

educativo passado por seu pai. A fuga encontra explicação no amor que André sentia por sua irmã, paixão que nunca seria aceita por seu pai. Pedro, seu irmão mais velho, foi até a pensão onde ele estava, a fim de trazê-lo de volta para sua casa na fazenda. Ao encontrar André, Pedro o coloca a par dos últimos acontecimentos da fazenda durante sua ausência. Nesse meio tempo, suas irmãs apenas rezavam por sua volta e obedeciam as ordens do pai e da mãe, esta, por sua vez, apenas cumpria com suas funções de mulher do lar. André acabou voltando para casa, porém suas ideias não comungavam com as de seu pai, pois André não aceitava a situação de amar a irmã e nada poder fazer. No dia seguinte à sua chegada, seu pai preparou-lhe uma festa. Na ocasião, sua irmã Ana dança sensualmente para ele. Ao presenciar a cena, o pai percebe o que realmente se passava entre os irmãos. Desesperado, sofre um ataque de tristeza e morre.

Já nos primeiros capítulos da obra é possível se perceber a atmosfera familiar interiorana, bem como a força que a figura paterna tem sobre a família, como mostra a seguinte passagem da obra:

O amor a união e o trabalho de todos nós junto ao pai era uma mensagem de pureza austera guardada em nossos santuários, comungada solenemente em cada dia, fazendo o nosso desjejum matinal e o nosso livro crepuscular. (NASSAR, 1999, p.11)

Diante disso pode-se inferir que papel é delegado à mulher, uma vez que, dentro desse universo familiar, no qual a figura masculina do pai é tida como algo quase sagrado, a mulher, como reza a tradição, deve viver para servir e se doar, abrindo mão de suas vontades. Neste sentido Vernizini (2006) afirma que o homem não é o único responsável pela repressão sofrida pelas mulheres, uma vez que a sociedade, de modo geral, também contribuiu de forma significativa para esse quadro, influenciando, inclusive, o pensamento das próprias mulheres, ludibriando-as a fim de que elas aceitassem sua condição de inferioridade diante do homem.

Para Freud (1996) a civilização é a maior responsável por tolher os desejos do ser humano, o que acaba por produzir neste um mal-estar, uma vez que há um visível antagonismo entre a pulsão dos desejos e a sociedade civilizada. Desse modo, o indivíduo deve abrir mão de satisfazer suas vontades em prol do “bem moral”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

No caso específico da obra aqui analisada, encontra-se o seguinte trecho, que exemplifica esse contexto de submissão e aceitação da mulher diante daquilo que parece ser seu destino:

Naquele dia, na hora do almoço, cada um de nós sentiu mais que o outro, na mesa, o peso da tua cadeira vazia; mas ficamos quietos e de olhos baixos, a mãe fazendo os nossos pratos, nenhum de nós ousando perguntar pelo teu paradeiro; e foi uma tarde arrastada a nossa tarde de trabalho com o pai, o pensamento ocupado com nossas irmãs em casa, perdas entre os afazeres na cozinha e os bordados na varanda, na máquina de costura ou pondo ordem na despensa; não importava onde estivessem [...] (NASSAR, 1999, p.12)

Há ainda a representação da mulher sob a figura de mãe compreensiva e dedicada, incapaz de cometer o mais ínfimo ato de egoísmo ou, menos ainda, de provocar dor e sofrimento em seus filhos. Na obra, a figura materna aparece por diversas vezes sempre dando auxílio e proteção aos filhos, porém, sem nunca ir de encontro às vontades do patriarca da família. Na passagem que se segue, Pedro relatava a André a angústia de sua mãe após sua partida. André, então, recorda os gestos de carinho e quase devoção da mãe para com ele:

Continuei calado, e com a memória molhada só lembrei dela me arrancando da cama "vem, coração, vem comigo" e me arrastando com ela pra cozinha e me segurando pela mão junto da mesa e comprimindo as pontas dos dedos da outra mão contra o fundo de uma travessa, não era no garfo, era entre as pontas dos dedos grossos que ela apanhava o bocado de comida para me levar à boca [...] (NASSAR, 1999, p. 19)

Todo o enredo da obra, no que diz respeito à figura da mulher, é construído dentro desta atmosfera puramente familiar, no sentido conservador da palavra. Isso fica ainda mais claro após o desfecho da obra, como relatado anteriormente, quando o pai, ao perceber o amor entre seus dois filhos não suporta e morre, o que constitui o ápice da rejeição ao que não está dentro do padrão moral da sociedade.

A transgressão da mulher na Contemporaneidade

Vivemos numa sociedade que por muitos anos foi controlada e dirigida pelo sexo masculino, no entanto, podemos notar uma maior participação efetiva da mulher na sociedade a partir do século



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

XX, quando esta conquistou o direito ao voto, por exemplo. Mais recentemente constatamos que no mercado de trabalho sua presença já é equilibrada com relação à presença masculina, embora ainda ganhem substancialmente menos do que os homens.

Essa condição subalterna da mulher parece há muito arraigada na nossa sociedade, o que pode ser reflexo de antigas crenças, as quais se tornaram tão fortes que até mesmo grande parte da população feminina tem preconceitos contra sua condição. Paralelamente a essa maior participação da mulher na sociedade, temos sua presença na literatura brasileira que foi se destacando e tomando novos enfoques de acordo com sua maior expressão diante a sociedade.

Conforme Vernizi (2006) a questão da maternidade foi uma grande responsável por conferir à mulher uma maior valorização e uma melhor patente na sociedade diante da que tinha até então.

Assim, como serva, a mulher é louvada: tal qual a Virgem Maria, abdica de sua feminilidade e de seu erotismo – considerados nocivos à sociedade e, por conseguinte ao homem – e, subordinada às diretrizes patriarcais, deixa-se exaltar pela maternidade e por qualidades espirituais e abstratas. (VERNIZI, 2006, p. 22).

No entanto, esse aspecto ainda pode ser considerado apenas a ponta do novelo da asserção feminina, uma vez que, sua fecundidade é vista apenas como a forma passiva para a procriação sendo necessário ainda a contribuição masculina para que haja a fecundação.

Na Literatura brasileira Contemporânea houve, por parte de alguns escritores, a intenção de retratar essa asserção. Para tanto, trouxeram para seus escritos personagens femininas que, por tomarem novas posturas e conseguirem, muitas vezes, alcançar seus objetivos, passavam a ser mais comuns na sociedade.

A Polaquinha, obra de Dalton Trevisan, pode ser vista como uma tentativa de transgressão dessa figura feminina diante da sociedade patriarcal em que está inserida. A obra é narrada pela protagonista que conta a história de uma mulher completamente diferente dos padrões exigidos pela sociedade, uma mulher que sente desejos e fala deles de maneira nítida e despudorada.

No decorrer da narrativa, o leitor vai tomando conhecimento da vida da menina que, em princípio, podemos considerar como uma mocinha pobre, ainda com certa inocência, criada em um ambiente de preconceitos e sandices. Ela nos conta como foi difícil sua primeira menstruação e do



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

susto que tomou na ocasião, uma vez que não ainda não tinha conhecimento do que se tratava e isso a apavorou. Conta-nos, inclusive, que escondeu o acontecido de sua mãe e que foi sua irmã quem lhe explicou o que se passava, como mostra a seguinte passagem:

Bobinha, de mim já não falo. Me enxugava no banheiro. Puxa, que susto.
- Está nascendo cabelo...
Um por um, tentei arrancar - doía muito. Confessei a medo para minha irmã.
- Lá embaixo.
Ela me acalmou:
- Sua tonta, é assim mesmo. Quando veio a primeira vez, bem me apavorei.
- Estou sangrando. Acho que vou morrer.
Correndo a toda hora ao banheiro.
- Estou me esvaindo... De novo, minha irmã:
- Agora você sabe. O que é moça. Daqui a um mês. Todo mês.
Me ensinou a usar toalhinha, ainda o tempo da toalhinha. Esquecida horas no banheiro, lavando, lavando. Para a mãe não ver. (TREVISAN, 1986, p. 02.)

A partir disso, podemos observar como era constituída a formação das adolescentes na sociedade dessa época, sem qualquer informação ou diálogo entre pais, uma vez que o “pudor” impedia que estes explicassem aos filhos coisas tão simples como o é menstruação, e, por isso, as moças tomavam sustos como o descrito pela personagem em questão. Eram, então, jogadas no mundo “nuas”, despidas de qualquer tipo de informação diante de uma sociedade patriarcal, efetivamente dominada, até então, pelos mandos e desmandos e por que não dizer desejos masculinos.

Somos apresentados ao desespero da protagonista, representado por suas dúvidas e inquietudes diante das modificações que vão ocorrendo em seu corpo. *A polaquinha* nos coloca ainda, através de sua narração linear, apesar de completamente formada por flashes, o que é uma característica da contemporaneidade na obra, diante da cena em que conheceu seu primeiro namorado e assim vai seguindo, nos levando a um passeio pela forma com que teve sua formação, ou seja, como foi aos poucos constituindo sua personalidade.

O seio a florando, o biquinho doendo - de sete novenas fiz promessa.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

- Meu Deus, me acuda. Se aperto o biquinho, sai leite?
O primeiro namorado, sabe o quê? Ah, o beijo único na boca. Já era pecado: duas línguas na boca. Me abraçava, eu tremia de gozo. Tanto medo: duro, grande, furando a calça. O tempo das primeiras calças justas. Ele descia reto: o começo ali no umbigo? Como adivinhar que se dobrava para cima? (TREVISAN, 1986, p. 02).

Isso ocorria porque, mesmo sendo uma época de evolução cultural e de mudanças nos costumes, colocar as moças diante de informações sobre sua feminilidade, ou quaisquer assuntos de natureza sexual, era inconcebível para a maioria das famílias brasileiras. Qualquer assunto que tratasse desses aspectos era tabu nos seios das famílias e esse tabu era visto de certa forma como necessário, uma vez que funcionava como mantenedor da ordem e boa conduta das moças.

No entanto, apesar das dificuldades encontradas pela personagem no decorrer de sua formação, *A Polaquinha* vai transgredir os costumes de sua época, quebrando as barreiras do preconceito e da dúvida e saindo de encontro aos seus objetivos. Por isso, aprende muito com seus casos amorosos, pois não se conforma apenas com o que lhe é apresentado pela sociedade, pelo contrário, ela busca saber, questiona, tem curiosidades e tenta conhecer novas sensações que até então eram reservadas para os homens, como o direito ao orgasmo, por exemplo, o qual ela conquista e nos descreve nas linhas que seguem:

Fui por cima, era a primeira vez. De repente aquele arrepio na espinha da alma.
- O que, polaquinha? Não está bem?
- Tão estranho. Estou com medo. O que é, não sei.
Toda a tremer - seria um ataque? Não de asma.
- Ruim ou bom?
- Bem bom. Me sinto leve. Se derrama dentro de mim. Não sei o quê. Estou voando...
Toda molhada, sem fazer pipi. (TREVISAN, 1986, p.12).

Diante disso, notamos que é ante de suas próprias experiências que *A polaquinha* consegue impor-se para o mundo. Desse modo, cabe aqui dizer que a personagem sempre tira uma nova lição da convivência que tem com cada um de seus envolvimentos amorosos e, assim, homem após homem, vai descobrindo um mundo masculino pelo qual se sente atraída. Imperioso se faz



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

esclarecer que o “mundo masculino” ao qual nos referimos, advém do fato de que, a sociedade, até então, era exclusivamente patriarcal, mas, a partir da segunda metade do século XX, passou a ter novas protagonistas no núcleo social.

É exatamente esse aspecto transgressor que Trevisan procura trazer para a narrativa de *A Polaquinha*, uma vez que o autor mostra como, aos poucos, a protagonista vai descobrindo um mundo totalmente novo aos seus olhos de menina, antes recatada, agora desprovida de maiores pudores em nome de sua liberdade. Assim, a personagem passa por um processo de aprendizado, ou melhor dizendo, um processo de formação semelhante ao que Corbin, (2009) apresenta em seu ensaio *As mutações do corpo*, no qual o autor vai desenhando todo o percurso histórico percorrido pela sociedade, principalmente no que concerne à figura feminina, e desenha o caminho traçado na luta contra a repreensão sexual existente até o momento. Para o autor:

A “liberdade dos costumes”, como se diz no princípio do século XX, passa ao mesmo tempo pela liberação da palavra e dos gestos, pela transgressão da moral conjugal tradicional e, enfim, pela superação dos tabus. Mas o direito ao prazer tem uma contrapartida: a recusa das violências sexuais e de uma sexualidade sob coerção. (CORBIN, 2009, p. 132).

Enfim, é essa busca pelo direito ao prazer que Trevisan, (1986) traz para as páginas de *A Polaquinha*. Mais que isso, Trevisan expõe a luta da mulher por sua asserção ante uma sociedade patriarcal, enraizada pelo conceito de mulher pura e casta, mantenedora da ordem do lar. Diante disso, a referida personagem busca o direito de não ser apenas procriadora e de poder escolher seu destino.

Considerações finais

Como fora exposto durante esta breve análise, a Literatura Brasileira Contemporânea abriga no interior de suas obras, ao mesmo tempo, aspectos tradicionais, encontrados em *Lavoura Arcaica*,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e transgressores, presentes em *A Polaquinha*, no que concerne à representação da mulher. São os dois extremos, apresentados com mesmo grau de intensidade em ambas as obras.

No entanto, o fato de podermos contemplar a presença de uma relativa evolução acerca da proibição que sempre recaiu sobre a mulher, não podemos crer de imediato que as várias investidas sociais para aplacar os desejos sexuais não causou nenhum dano à vida sexual do ser humano de modo geral. Para Freud (1996) a sociedade civilizada viu-se obrigada a calar-se diante de algumas transgressões que iam de encontro a seus princípios morais, porém, não se pode achar que essa atitude não tenha um intuito pré-estabelecido por essa sociedade, uma vez que a vida sexual do homem civilizado viu-se, ainda, extremamente prejudicada. Segundo o mesmo autor “dá, às vezes, a impressão de estar em processo de involução enquanto função, tal como parece acontecer com nossos dentes e cabelos [...]” (FREUD, 1996, p.110)

Referências bibliográficas

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999;

TREVISAN, Dalton. **A Polaquinha**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLOI, Georges (direção). **História do Corpo: As mutações do olhar: O século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FREUD, Sigmund (1996). O mal-estar na civilização. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

VERNIZINI, Rosangela Nascimento. **Erotismo e transgressão: a representação feminina em A Polaquinha** de Dalton Trevisan. Curitiba, 2006. Disponível em: <<http://www.dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/6605>>